

## Vida de Frila: os discursos dos jornalistas *freelancers* sobre o trabalho

Rafael Grohmann<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de entrevistas em profundidade com jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo, o artigo pretende compreender os seus discursos sobre o trabalho. Tomando como abordagem teórico-metodológica o binômio Comunicação e Trabalho e a Ergologia, pretende-se revelar como os frilas enunciam suas ‘dramáticas de uso de si’ no trabalho, considerando os valores, as formações ideológicas/discursivas e os interdiscursos. É hegemônico, nos discursos, um ajustamento às prescrições do “novo espírito do capitalismo”, mas isso não quer dizer que não haja ‘embates’ e ‘sofrimentos’.

**Palavras Chave:** Comunicação; Trabalho; Jornalista.

*Life of a Freelancer: the speeches of freelance journalists about the work*

**Abstract:** From interviews with freelance journalists of São Paulo, the paper intends to understand his speeches on work. Taking as theoretical and methodological approach the binomial Communication and Work, and Ergology, aims to reveal how freelance journalists enunciate its “dramatic of use of self”, considering the values and ideological/discursive formations. The hegemonic discourses relating to an adjustment to the requirements of the “new spirit of capitalism”, but that does not mean that they do not have “bumps” and “sufferings”.

**Keywords:** Communication; Work; Journalist.

### Introdução

O presente artigo traz resultados da dissertação de mestrado “Os Discursos dos Jornalistas *Freelancers* sobre o Trabalho: comunicação, mediações e recepção”. A partir do binômio Comunicação e Trabalho, analisa-se os discursos dos jornalistas *freelancers* sobre o trabalho, a partir de entrevistas de profundidade.

A partir de um questionário quantitativo respondido por 90 jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo, foram selecionados 8 sujeitos para uma entrevista em profundidade. As entrevistas em profundidade foram realizadas a partir de questões semi-estruturadas, com dois objetivos: saber um pouco da história da vida dos sujeitos-pesquisados e compreender o discurso sobre o seu trabalho. A história de vida “permite aflorar a dimensão afetiva e valorativa do sujeito, assim como os contextos pessoais que deram origem às suas respostas. É utilizada na pesquisa qualitativa como reveladora, no plano simbólico, de um percurso vivido” (Lopes, Borelli e Resende, 2002, p. 59). Neste sentido, pretende-se saber quais formações ideológicas (Bakhtin; Volochinov, 2010) e relações dialógicas trazem os jornalistas *freelancers* sobre o seu próprio trabalho.

### Falar Sobre o Trabalho: comunicação e trabalho a partir de uma abordagem ergológica

As atividades de comunicação e de trabalho (consideradas como atividades humanas) não são óbvias. E nem nascem do nada. Quando falamos algo, quando trabalhamos, ou ainda, quando falamos sobre o trabalho, estamos nos posicionando diante do mundo, estamos marcando um lugar de fala, expondo os valores e as escolhas que norteiam nossas subjetividades.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Complexo Universitário FMU-FIAM-FAAM e integrante do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA/USP). E-mail: rafael-ng@uol.com.br

Para melhor entender esta relação entre comunicação e trabalho, nos apoiamos na abordagem da Ergologia, um campo interdisciplinar com raízes na filosofia e que possui como grande referência o filósofo francês Yves Schwartz. A abordagem ergológica é uma perspectiva para conhecer melhor as situações de trabalho e para tentar transformá-las, considerando o trabalho como “atividade industriosa” e a complexidade desta atividade. O prefixo “ergo” significa ação, obra, trabalho. A ênfase desta abordagem está mais no ponto de vista do trabalhador, centrando-se “sobre a relação que a pessoa estabelece com o meio na qual ela está engajada” (Schwartz; Durrive, 2010, p. 295).

A atividade de trabalho envolve prescrições e normas, como os manuais, por exemplo, mas também envolve a “realidade” da atividade. Há sempre uma distância entre o que é “prescrito” e o que é “realizado”. O trabalho real é sempre resultado destas re-normalizações em relação ao trabalho prescrito, e constatar esta permanente renormalização significa um “mundo do trabalho que transborda” (Schwartz; Durrive, 2010). Por que nunca a atividade real de trabalho é igual às prescrições? Porque há o engajamento do sujeito da atividade, por menor que seja a possibilidade de renormalização, pois há o inédito da atividade.

A distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real, então, remete sempre a um debate de valores e à atividade do corpo-si. E, se, portanto, remete ao corpo-si, envolve um uso de si: um uso de si “por si mesmo” e um uso de si “pelos outros”. Todo trabalho envolve um uso de si pois não existe simples execução do “trabalho prescrito”, como já colocado. Neste uso de si, não raro, ocorrem “dramáticas do uso de si”. Se o que há são debates de valores e renormalizações, a atividade aparece como uma tensão, uma dramática, pois, ao fazer “uso de si”, acarreta novos acontecimentos e a relação do indivíduo com outras pessoas e com o meio.

No trabalho, temos tendência a observar somente as prescrições e não damos tanta atenção ao “trabalho real”, que dificilmente é visto e expresso, e somente podemos ter acesso a ele se o trabalhador verbalizar sua atividade, ensinar ao pesquisador. “Quantos trabalhadores dizem: ‘eu estou acostumado’, e não conseguem verbalizar sua maneira de fazer” (Schwartz; Durrive, 2010, p. 71), pois é difícil colocar em palavras a situação de trabalho. É mais fácil colocarmos em palavras o “trabalho prescrito”, os manuais e as normas antecedentes do que verbalizar sobre a atividade real de trabalho.

Então, ao verbalizar sobre a atividade real de trabalho, o indivíduo se confronta com valores, escolhas e renormalizações. Nesta atividade de comunicação e trabalho ocorrem muitas “dramáticas do uso de si”, pois não se trata apenas de falar as instruções e as normas. Dizer é mais do que apenas contar algo a alguém: é uma permanente descoberta e redescoberta de “si” e do “outro

Eis, então, uma prova sobre a importância da comunicação para o mundo do trabalho, tomado como este “mundo que transborda” além dos limites do local da situação de trabalho. “É em sua atividade e particularmente em sua atividade de trabalho que as pessoas constituem para si universos de pensamento e universos de discurso coletivamente estruturados, coletivamente elaborados e estruturados” (Schwartz; Durrive, 2010, p. 174). Portanto, o trabalho é uma importante mediação da comunicação: é no trabalho que as pessoas se fazem e se refazem a todo o momento, é no trabalho onde as pessoas vivem.

A partir desta concepção, Nouroudine (2002) nos explica o conceito de “linguagem sobre o trabalho”, que não está inserida na situação de trabalho; é exterior a ela. No entanto, dizer não é uma atividade óbvia, muito pelo contrário. Para Nouroudine (2002), os coletivos de trabalho e as relações pessoais são “lugares” onde os trabalhadores se expressam mais sobre sua atividade. Quando um pesquisador quer

saber a “linguagem sobre o trabalho” do sujeito, há informações relevantes sobre sua atividade, mas nem sempre a entrevista revela o “saber investido” em seu trabalho. Portanto, fazer com que o trabalhador verbalize sua atividade ao pesquisador é também uma tarefa complexa. Schwartz e Durrive (2010, p. 133) interrogam: “será que o trabalhador é demasiado pobre para que se fale dele? Será o trabalhador demasiado indigente no plano da linguagem?” Respondem afirmando que a linguagem na atividade não é uma atividade degradada.

Além disso, “passar do trabalho ao discurso obriga a pensar a dimensão do esforço, do agenciamento industrioso, na relação com os recursos simbólicos” (Souza-e-Silva, 2004, p. 197). A atividade de linguagem – ou atividade linguageira – é sempre uma atividade de co-construção, interação e significação com o outro, do modo que os atos linguageiros nunca são monológicos (Bakhtin, 2003).

Segundo Souza-e-Silva (2004), na análise da “linguagem sobre o trabalho” é preciso o acesso clínico ao modo como os trabalhadores renormalizam a prescrição da atividade e verbalizam sobre a atividade real de trabalho, ou seja, é preciso ir ao “micro” da atividade e dialogar com sujeitos reais. “De que outro modo poderíamos ter acesso à produção de determinadas categorias como as de trabalhador ou operário (...) a não ser em sua realidade discursiva?” (Rocha; Daher; Sant’Anna, 2002, p. 81).

A partir destas considerações, no embate entre o falar sobre o ‘trabalho prescrito’ e o ‘trabalho real’, os jornalistas *freelancers* enunciam suas ‘dramáticas de uso de si’ no mundo do trabalho.

### Os Frilas Falam Sobre o Seu Trabalho

“O *freelancer*, (...) ele não consegue seguir uma cartilha” (Amanda, 35 anos). Neste enunciado, Amanda utiliza um “ele” para mostrar distanciamento com relação a este tipo de prática. Há, em alguma medida, dificuldade com relação às prescrições no mundo do trabalho, pois trabalha-se com vários chefes. Para Amanda, “isso é ruim. Ele (o *freelancer*) é pouco eficiente em produtividade”. Em todo trabalho, como mostram os princípios da Ergologia, as prescrições são necessárias. Só que, para o *freelancer*, estas prescrições não vêm tão prontas quanto um manual de uma redação, por exemplo. É o próprio trabalhador que precisa criar suas normas e renormalizá-las pelo ineditismo de sua atividade, imprime e inventa um novo fazer no trabalho.

“Eu não tenho rotina”: esta expressão é muito usada pelos sujeitos pesquisados para definir o seu cotidiano de trabalho. Há, como assinalam Schwartz e Durrive (2010), dificuldade em falar sobre o próprio trabalho. “Pra *freelancer* isso é difícil pra caramba, porque *freelancer* cada dia faz uma coisa, né?” (Amanda, 35 anos).

Para os sujeitos entrevistados, a vida de *freelancer* proporciona mais liberdade ao seu trabalho do que dentro da redação de uma empresa, por mais que não seja o “melhor emprego do mundo”.

Você percebe quando você está no local de trabalho que metade do seu trabalho é fazer o seu trabalho e a outra metade é parecer fazer o seu trabalho. Na redação, o seu chefe quer que você sofra, ele quer que você pareça estar dando tudo de si, e quando você é frila não... Você faz a sua parada, manda a sua parada e tipo... sabe? Se você quer dormir por duas horas toda tarde, você tem esse direito” (Helena, 23 anos).

Há preocupação com o “parecer fazer o seu trabalho”. Na redação, o ócio não tem vez e as pessoas têm que “representar” para as outras pessoas. Tem que teatralizar o próprio trabalho para poder valorizá-lo. Os entrevistados não têm consciência de que o período que se passa no local de trabalho também faz parte do trabalho, do

aprendizado que se deve ter da organização para quem se trabalha; conhecimento dos colegas de trabalho, daquilo que se convencionou chamar “cultura da empresa”, inclusive dos jogos de poder. Tudo isso compõe e é parte do discurso do ser jornalista e trabalhar com jornalismo.

Há, nos discursos dos entrevistados, um ajustamento com relação ao discurso de “otimização do tempo”, com origem nos padrões rigorosos de tempo no taylorismo e que persiste no discurso empresarial, como o conceito de “tempo morto”, que é o tempo que não agregaria valor à produção, o que evidencia, de certa forma, uma “confusão” do mundo do jornalista com o mundo da administração.

No entanto, segundo Nouroudine (2002), este tempo, muitas vezes chamado de “tempo morto”, não é “perda de tempo”, pois faz parte da “linguagem no trabalho”, pois no “cafezinho” estabelece-se relações de comunicação entre os trabalhadores, por exemplo. Outro ponto importante é o “sofrimento”, é o “dar tudo de si”, que se relaciona ao engajamento do trabalhador em sua atividade. No toyotismo, o engajamento do trabalhador fica mais evidente. “Haveria maior necessidade do engajamento do trabalhador no sentido de poder se adaptar às rápidas mudanças e enfrentar as situações imprevisíveis que podem se apresentar no cotidiano de trabalho” (Bernardo, 2009, p. 36).

Este “sofrimento” descrito por Helena é acrescido de outra expressão muito forte: aniquilamento. “O trabalho hoje é visto como uma coisa para aniquilar tua vida, né? E todas as pessoas acham isso legal, bonito... Se você não quer isso, se você demonstra não querer isso, parece que você é... enfim, é inapto pro mercado de trabalho” (Helena, 23 anos). Ela demonstra o desconforto do *freelancer* em relação ao mercado de trabalho “com carteira assinada”, e por estar, de certa maneira, à margem. Além de sofrimento, o trabalho é visto como um “extermínio à vida”. Horas demais dedicadas ao trabalho, pressão, ausência de retorno e de reconhecimento de si no trabalho parecem justificar o termo forte: “aniquilação”. Há de se destacar que este sofrimento não é exclusivo do trabalhador-jornalista, mas está situado no próprio sistema econômico, no “novo espírito do capitalismo” (Boltanski; Chiapello, 2009).

Quando Helena enuncia “se você demonstra não querer isso, parece que você é (...) inapto pro mercado de trabalho”, o “isso” se refere à rotina de trabalho considerada “padrão”, como a figura do “pai-trabalhador”, que sai para trabalhar às oito da manhã, de terno e gravata e retorna às seis da tarde. Quem não se adequa a este “espírito” é considerado à margem, “inapto”, muitas vezes visto pelas outras pessoas como um “vagabundo”. No “Manual do Frila”, de Maurício Oliveira, diz: “Se você é *freelancer*, pode ser que nenhum vizinho o tenha chamado abertamente de desocupado ou algo do gênero, mas pode ter certeza de que pelas costas os comentários são maldosos” (Oliveira, 2010, p. 88).

Há, no discurso dos entrevistados, certo desconforto com uma atividade “regular”, de oito da manhã até seis da tarde. Mesmo com todas as dificuldades, eles, de alguma forma, se sentem privilegiados: “E eu me sinto privilegiada na real, por ser *freelancer*, porque meus coleguinhas que são jornalistas mesmo, e estão dentro da redação, estão sofrendo muito mais. Então, quer dizer, eu ainda sinto muito feliz assim” (Érica, 28 anos). Mais uma vez, a palavra sofrimento é relacionada ao ambiente da redação. O estresse do *freelancer* seria muito menor do que o jornalista de redação.

Nota-se como Érica designa o profissional fixo, que trabalha em redação: “coleguinhas que são jornalistas mesmo”. Ou seja, o jornalista legítimo seria aquele; o *freelancer* seria uma sub-categoria, ou então, nem é considerado jornalista. Esse ponto de vista é corroborado por Natália: “Aí (na redação) que você sente que é um jornalista mesmo. Trabalhando em casa, não parece muito que, que você é esse profissional” (Natália, 33 anos).

Mais do que o exercício do jornalismo, parece que o ambiente de redação, o vínculo compromissado diariamente com um ambiente de trabalho da empresa de comunicação sacramenta o trabalho jornalístico. O *ethos* jornalístico aparenta, pelas falas dos entrevistados, estar ligado ao coletivo responsável por um periódico, seja ele, diário, mensário, digital, impresso, qualquer mídia; o ambiente coletivo da organização jornalística compõe o imaginário do que é ser jornalista. Talvez, num futuro próximo, esse *ethos* venha a desaparecer devido às inúmeras possibilidades de se publicar a informação.

Os *freelancers* por escolha, então, percebem as empresas com suas regras e constrangimentos burocráticos como uma “prisão”. Nos discursos, a liberdade do *freelancer* é algo ressaltada, pois propicia ser “colaborador” de outros lugares. “É uma situação que assim, profissionalmente dá até um pouco mais de liberdade, né. (...). Hoje eu trabalho aí em pelo menos mais duas publicações, como colaborador. Eu sou colaborador da Rolling Stone também há pelo menos dois anos e tal” (Miguel, 30 anos). Ser “colaborador” é não ser “escravo” de um só lugar, e ao mesmo tempo, é estar ajustado ao “novo espírito do capitalismo” e a uma “cidade por projetos” (Boltanski; Chiapello, 2009). Figaro (2008) afirma que há uma “virada discursiva” no vocabulário da reestruturação produtiva. Não há mais a palavra “empregado” ou “funcionário”: elas dão lugar ao “colaborador”.

No entanto, esta flexibilidade da vida de *freelancer* exige maior engajamento e pró-atividade do jornalista para conseguir projetos e trabalhos, o que Natália considera um ponto negativo: “tem que correr muito atrás (...) Não vai cair do céu: você estar lá e todo dia chegar alguém te oferecendo. Você tem que ir atrás” (Natália, 33 anos). Colocar o “correr muito atrás” como um ponto negativo do trabalho do *freelancer* pode significar um desconforto com a atividade e a insegurança da vida de frila, em contrapartida a um trabalho fixo em uma redação, onde se teria que “correr menos atrás”, pois o emprego já estaria, a priori, garantido.

Parece que estamos diante de um paradoxo: de um lado, trabalhar como frila requer todo dia “correr muito atrás”, sofrer com a insegurança de não ter um trabalho para realizar e assim não conseguir se manter; de outro, quando pensa-se no “jornalista fixo, de redação”, pensa-se a rotina e a pressão na redação, em ficar mais tempo que o necessário, em sofrer na redação com as exigências do chefe (“Na redação, o seu chefe quer que você sofra”). Aparece aí um subentendido de que a insegurança ronda os dois tipos de trabalho. O emprego com carteira assinada é visto como uma prisão, cujo algoz é o chefe, para quem se finge trabalhar. O *freelancer* também se sente inseguro porque precisa buscar seu ganha pão todo o dia, ou seja, permite certa liberdade, mas também aprisiona porque se faz qualquer coisa, se descaracteriza como jornalista.

A dimensão temporal é outra questão importante, pois quem “faz o tempo de trabalho” não é mais a empresa, de acordo com a pesquisa quantitativa, mas o próprio trabalhador. “Você fica na sua casa, tipo, você tem tempo para estudar, você tem tempo para fazer outras coisas” (Helena, 23 anos). A palavra tempo é utilizada três vezes, para ressaltar o quanto esta questão é importante para a enunciadora. Apesar de ressaltar a questão temporal, o enunciado de Helena vai de encontro à pesquisa quantitativa, que mostra que os jornalistas *freelancers* não conseguem fazer planos para além do curto prazo. Relacionando estas duas questões, podemos concluir que o “tempo” ao qual Helena se refere é mesmo o “curto prazo”.

Para outros pesquisados, o jornalismo *freelance* pode representar a volta do ‘romantismo’ na profissão, em meio ao jornalista multiplataforma e que não tem tempo para reflexão. “Eu acho que o *freelancer*, é...eu to puxando sardinha pro meu lado, mas eu acho que o *freelancer* atua melhor. (...).Eu mergulho no assunto, eu tenho tempo pra isso” (Amanda, 35 anos). O aspecto temporal, colocado como o principal

obstáculo à atividade jornalística, é tido como um diferencial do frila em meio às mudanças no mundo do trabalho. E o “mergulho no assunto” é visto também como um diferencial em um mundo marcado pela superficialidade.

Outro ponto ressaltado no enunciado de Amanda, mais acima, mostra que os jornalistas querem cumprir além de uma “atividade burocrática”, que não seria própria à profissão. Há, neste enunciado, interdiscursividade com o “jornalismo para mudar o mundo”, que geralmente povoa os discursos dos jovens recém-ingressos nas universidades, como uma “eterna busca” por fazer a diferença. “A coisa de jornalista mudar o mundo, entendeu? Você fala, ‘olha isso é uma história que precisa ser contada’. As pessoas precisam entender que isso é o que tá acontecendo, né” (Rodrigo, 42 anos).

O frila é entendido como a válvula de escape de um mundo burocrático, como um retorno às origens: “É muito questão de adrenalina mesmo, de... Surgiu uma pauta, você nunca sabe se vai dar certo, se não vai, se vai vir uma boa história” (Natália, 33 anos). “esse é o tesão do frila (...). Porque você está sempre começando do zero. (...)Eu tenho muito prazer em fazer frila. E aí, quando eu tenho que recusar eu sinto muita falta, muita falta, porque isso pra isso é um escape, pra mim é um jornalismo, assim, gostoso. É aquele do começo, sabe?” (Raquel, 48 anos). Ou seja, a rotina dá lugar à adrenalina, o tédio dá lugar ao prazer, ao escape, ao gostoso, pois é “aquele do começo”, como uma certa nostalgia que uma pessoa mais velha tem de sua juventude. É a possibilidade de enxergar um jornalismo que povoa o imaginário, ligado ao “jornalista-aventureiro”.

No entanto, há quem não se sinta “fazendo a diferença na profissão”. “Eu tenho sentido, cada vez mais, fazedora de pão, assim, sabe? E acho que ter vindo pra essa cidade me proporciona mais isso. Eu me sinto muito operária, que tem que fazer o pão e não importa, o editor quer o pão daquele jeito, e o pão vai ter que sair daquele jeito. (...) É um produto como outro qualquer, eu acho” (Érica, 28 anos). A concepção da notícia como mercadoria e *commodity* faz com que as pessoas se distanciem de um “jornalismo artesanal” e vejam, realmente a “indústria da notícia”.

Érica se sente como uma “operária”, em uma linha de produção, sem forças, como uma engrenagem no sistema. Como diz um jornalista em entrevista a Alain Accardo, no livro “A Miséria do Mundo”: “nós somos, as pessoas como eu, engrenagens na máquina, a máquina é mais forte do que nós e 99% do que se faz é uma droga” (Accardo, 2008, p. 606). Érica se diz desiludida com a profissão menos por ser “fazedora de pão” e mais por se vender como “aventureira” e, no fundo, se sentir uma “fazedora de pão” ou algo similar. “Eu acho que seria mais lógico se eu vendesse guardanapo e dizendo ‘ah, eu vendo guardanapo’, em vez de falar ‘nossa, eu tenho uma super história pra te contar. De superação e de amor e de não sei o que...’. E no fundo é guardanapo, sabe? Então eu não tô muito contente com isso não” (Érica, 28 anos). Esta “aparência do valor de uso” da notícia, como qualquer mercadoria, faz parte da estrutura industrial. “Quanto menor for o valor de uso real para o leitor, tanto mais se faz necessária a produção de uma ‘manifestação do valor de uso’ – aparência do valor de uso” (Marcondes Filho, 2009, p. 99). Ou, como diz uma entrevistada de Alain Accardo (2007, p. 356), “você vende um produto, e você mesmo é um produto” (Marianne).

Este enunciado de Érica traz relações dialógicas com o imaginário de que o padeiro faz um trabalho manual, e o jornalista um trabalho intelectual, que não “põe a mão na massa”. Ao sentir que a categoria de jornalista foi desprestigiada, iguala-se ao que se pensa sobre o padeiro, isto é, iguala-se ao discurso hegemônico sobre o que seriam trabalhadores “desqualificados”, que desprestigia o trabalho manual.

Érica reconhece os problemas no seu trabalho e está sofrendo com isso. O sofrimento no trabalho é um sinal maior de engajamento, expondo suas “dramáticas do uso de si” (Schwartz; Durrive, 2010). Trata-se de um discurso diferente de quem

concorda que o seu trabalho é apenas um negócio, como diz a prescrição no livro “Jornalismo *Freelance*: empreendedorismo na comunicação” (Rainho, 2008, p. 65): “vender, vender e vender: também é a regra em serviços”. Érica não se reconhece nesta prescrição, e por isso mesmo, sofre.

A entrevistada pretende ser identificada pelo trabalho que realmente faz, como algo honesto. Ela não está triste porque está “fazendo pão”, tido como algo manual e desprestigiado, mas porque faz algo pior, que é não poder fazer o trabalho bem feito. A Ergologia explica a importância do trabalho bem feito para a constituição das subjetividades e para o seu lugar no próprio mundo do trabalho. Érica, portanto, não consegue realizar valores que também são seus: ela parece fazer algo maior (trabalho prestigiado), mas no fundo faz algo bem pior. Sente-se pior do que vendedora de guardanapo, pois nem isso ela pode dizer que é.

Em uma análise semântica das palavras utilizadas pela entrevistada, percebe-se que há uma intertextualidade com origem no mundo da padaria (lugar onde foi realizada a entrevista), no entanto, existe uma hierarquia, pois pão é algo que alimenta, que sustenta, cuja finalidade está presente desde a Bíblia. O guardanapo, por sua vez, não alimenta, e é descartável: serve apenas para limpar a boca. Ao mesmo tempo em que ela se sente fazedora de pão (e, ao menos, alimenta as pessoas com as notícias), considera que a notícia fruto do seu trabalho, no fundo, é guardanapo, algo descartável.

Um outro ponto negativo levantado pelos *freelancers* foram os baixos salários: há sempre alguém que “aceita por menos”, nem que seja somente para o “portfólio. Por sinal, em momento nenhum, nenhum entrevistado enuncia sobre a “categoria jornalística” ou alguma “coletividade profissional”. Neste caso, em que dá a entender esta expressão, ela é, de certa forma, silenciada no discurso enunciado. Como afirma um entrevistado de Alain Accardo (2007, p. 547), “não há nenhuma relação entre *freelancers*. Não há solidariedade. Acho que me aconteceu uma ou duas vezes em que fomos juntos para sermos devidamente pagos”.

Não há mais instâncias coletivas para dar segurança ao jornalista em uma situação dessas. O Sindicato não pode mais ser considerado como essa instância pois as empresas não respeitam a faixa salarial estabelecida pela instituição: “eu acho que as empresas estão meio que tirando o couro. Entendeu? Você tem que fazer por um preço muito baixo. Normalmente não é tabela de sindicato, sabe, você faz porque você precisa e aí você faz” (Raquel, 48 anos). As empresas se aproveitam da necessidade dos jornalistas *freelancers* (“porque você precisa”) para pagar menos.

As falas sobre o excesso de carga de trabalho e baixos ganhos têm em comum a total falta de sintonia com a possibilidade de organização da categoria profissional. Esse universo de possibilidade parece não existir para os entrevistados. O sentimento de coletividade não aparece; está completamente fora de cogitação qualquer ação coletiva em prol dos direitos do trabalho, em concordância com Boltanski e Chiapello (2009), que afirmam que, no mundo do trabalho, há apenas instâncias individuais em rede.

Estes enunciados possuem interdiscursividade com o livro-“prescrição” do trabalho jornalístico, “Jornalismo *Freelance*: empreendedorismo na comunicação” (Rainho, 2008), onde o autor diz: “a vantagem da atividade jornalística *freelance* reside no fato de que a concorrência está no nível da competência do indivíduo, de seus talentos inatos e de sua capacidade comercial e organizacional” (Rainho, 2008, p. 28).

Este interdiscurso tem historicidade nas argumentações de pensamentos liberais do século XX, como Friedrich August Von Hayek (1990), que via as instâncias coletivas com desconfiança. Seu discurso está concentrado na louvação das ações tomadas por agentes individuais, seja empresas ou indivíduos, que seriam mais eficientes do que as ações tomadas por atores coletivos. O enunciado do “manual”

ainda exalta os “talentos inatos”, como se a rede de contatos exaltada pelos manuais fosse uma capacidade intrínseca ao indivíduo, não às relações de comunicação no mundo do trabalho, por exemplo.

### Considerações Finais

A partir dos discursos sobre o trabalho, podemos perceber que os jornalistas *freelancers* são mais individualistas e dificilmente enunciam questões coletivas, como a da própria categoria jornalística. Além disso, pensam muito na questão do “empreendedorismo”. Neste mundo, a produtividade é o que vale. O frila é considerado como “ajustado” ao mundo novo, flexível, pois ele não dependeria de um “emprego” e saberia sobreviver em uma “cidade por projetos”.

As relações de comunicação no mundo do trabalho se reconfiguraram; são mais instáveis que outrora. Ao mudar a forma de relacionamento, o que mudam são os valores no trabalho e as formas de construir a sociedade. Neste ponto é que dizemos que o sujeito é individual e social, e o trabalho tem uma dimensão social (histórica) e uma dimensão individual (a partir das renormalizações). O trabalho depende de uma rede de relações, mesmo quando se está só, se trabalha a partir do trabalho de alguém, e se depende do trabalho de outro. Por isso, quando se quer entender ou diagnosticar problemas da sociedade, o mundo do trabalho dá pistas. Os valores e as escolhas que se fazem no “micro” do trabalho nos permite entender a sociedade onde vivemos.

### Referências

- ACCARDO, Alain. **Journalistes Précaires, Journalistes au Quotidien**. Marseille: Agone, 2007.
- \_\_\_\_\_. Com um jornalista: entrevista de Alain Accardo. In: BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008
- BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010
- BERNARDO, Marcia Espanhol. **Trabalho Duro, Discurso Flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPPELLO, Ève. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FIGARO, Roseli. **Relações de Comunicação no Mundo do Trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.
- HAYEK, Friedrich August von. **O Caminho da Servidão**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo; BORELLI, Sílvia; RESENDE, Vera. **Vivendo com a Telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser Jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.
- NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; FAÏTA, Daniel. **Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, Maurício. **Manual do Frila: o jornalista fora da redação**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAINHO, José Marcos. **Jornalismo Freelance: empreendedorismo na comunicação**. São Paulo: Summus, 2008.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Brasiliense, 1994
- ROCHA, Décio. DAHER, Maria; SANT'ANNA, Vera. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília; FAÏTA, Daniel. **Linguagem e Trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho & Ergologia**. Rio de Janeiro: Eduff, 2010.
- SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. Quais as contribuições da linguística aplicada para a análise do trabalho? In: FIGUEIREDO, Marcelo et alli (org.). **Labirintos do Trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Recebido para publicação em 10-05-13; aceito em 11-06-13